AMORIM NEWS

ANO 38 / NÚMERO 2

Cortiça, o futuro hoje

O atelier sul-africano Counterspace (Serpentine Summer Pavilion), o artista chinês Ai Weiwei (exposição Ai Weiwei – Rapture), a designer britânica Es Devlin (London Design Biennale), o coletivo portuense depA Architects (Bienal de Arquitetura de Veneza) ou a dupla criativa Miguel Flor e Cristina Hora (Porto Design Biennale) são apenas alguns dos muitos artistas, designers e arquitetos que utilizam cortiça nos seus mais recentes projetos. Sintonia perfeita com José Pedro Sousa, único português a integrar a mesa redonda para o Novo Bauhaus Europeu, que prenuncia o mote numa entrevista exclusiva: "(...) não conheço melhor material que a cortiça para servir de modelo de inspiração para as práticas que têm que ser implementadas, não só na construção, mas na nossa forma de vida em geral." Cortiça, o futuro hoje!

© Iwan Baan

3 Editorial

Carlos Manuel

4 Alma Gémea apresenta
renovada linha de produtos

5 Amorim Top Series distinguida
pelos Luxury Packaging Awards

6 "A economia circular em torno da cortiça
é uma história absolutamente extraordinária"

Arquiteto José Pedro Sousa

9 Cortiça

O Futuro Hoje

18 Somos a empresa industrial mais atrativa
para trabalhar em Portugal

20 Família Silva

A ambição de ir sempre mais longe

22 Amorim Cork Flooring conquista
certificação Investors in People

23 Traços de Gente

Quando Jordi Bonet i Armengol sugeriu usar cortiça no pavimento na Sagrada Família, em Barcelona, responderam-lhe: "Só serve para vedar garrafas!"

No entanto, o arquiteto catalão responsável por continuar a icónica obra de Antoni Gaudí, e que há muito sentia o conforto daquela matéria-prima no seu próprio estúdio, não pareceu demover-se com tal invetiva. Encorajado pelas reconhecidas propriedades térmicas e acústicas da cortiça – de vital importância para aquele projeto – e pela expectativa de durabilidade e resiliência do material, Jordi Bonet i Armengol ainda viria a acrescentar-lhe um outro argumento: o de ser um produto natural, em perfeita harmonia com a filosofia de Gaudí.

Os atributos da cortiça são, pois, incontáveis, sendo um dos materiais de eleição do conceito *green building*, que aponta para a utilização de soluções sustentáveis, energeticamente eficientes e derivadas das práticas de economia circular. Leve, impermeável a líquidos e a gases, e elástica, compressível e antiestática, a cortiça é também um excelente isolante vibrático, caraterística que funciona igualmente em benefício do setor da construção. Além do mais, esta matéria-prima genuinamente portuguesa tem uma elevada estabilidade dimensional, suporta temperaturas entre -180ºc e +120ºc, preserva a qualidade do ar interior A+, é permeável ao vapor de água e reduz condensações.

Hipoalergénica, resistente ao atrito e de combustão lenta, a cortiça é ainda um retentor natural de carbono. Estudos recentes indicam que por cada tonelada de cortiça produzida a floresta de sobreiros pode sequestrar até 73 toneladas de CO_2. Um número impactante no que diz respeito à retenção de Gases Efeito de Estufa, sendo por isso uma ajuda preciosa no combate às alterações climáticas. *Last but not least*, a cortiça tem uma longevidade praticamente ilimitada, mantendo sempre intactas as qualidades técnicas. Um caráter inigualável resultado quer de uma composição química singular, quer de uma estrutura celular única, tornando a cortiça num material ímpar que combina desempenho com sustentabilidade.

Todavia, e apesar de todos os predicados exclusivos, a indústria corticeira num investimento ininterrupto em Investigação & Desenvolvimento + Inovação tem procurado potenciar os produtos, soluções e aplicações de e/ou com cortiça na área da construção, juntando aos traços técnicos a variante estética, nunca descurando o enquadramento na Natureza. De resto, e num processo iniciado pelos arquitetos Siza Vieira e Souto de Moura no Pavilhão de Portugal na Expo 2000 Hannover, hoje temos um portefólio invejável de projetos com utilização de cortiça em fachadas.

Entretanto, a inovação segue imparável na conceção, desenho e produção de novos tipos de decorativo adaptados às necessidades, exigências e culturas dos diversos mercados.

Aliás, é crescente a atração, a paixão, o interesse, o entusiasmo e a curiosidade que designers, curadores e arquitetos têm pela cortiça. Uma afinidade que tem como um dos principais pontos de referência o Aglomerado de Cortiça Expandida. Reciclável e reutilizável, isento de qualquer aditivo e 100% natural, o Aglomerado de Cortiça Expandida provém da expansão dos grânulos de cortiça que, por ação de vapor de água, aglomeram mergulhados na própria resina. Um produto vegetal atualmente usado em paredes, fachadas, coberturas, pisos radiantes, estruturas de betão ou como base de relva natural nos estádios de futebol, etc. Qual resposta ecológica aos muitos desafios colocados à sociedade dos nossos dias!

ANO 38
NÚMERO 2
JULHO 2021

Sede
Rua Comendador Américo Ferreira Amorim, nº 380
4536-902 Mozelos VFR
Portugal

Propriedade
Corticeira Amorim

Coordenação
Rafael Alves da Rocha

Redação
Editorialista
Inês Silva Dias

Opinião
Carlos Manuel

Edição
Corticeira Amorim

Projecto gráfico
Studio Eduardo Aires
Studio Dobra (paginação)

Tradução inglês
Sombra Chinesa

Tradução Alemão, Espanhol, Francês
Expressão

Impressão e Acabamento
Lidergraf – Artes Gráficas, S.A.

Distribuição
Iberomail Correio Internacional, Lda

Embaladora
Porenvel Distribuição, Comércio e Serviços, S.A.

Periodicidade
Trimestral

Tiragem
22.000 exemplares

Depósito Legal
386409/15

A Corticeira Amorim, S. G. P. S., S.A. compromete-se a proteger e a respeitar a sua privacidade. Poderá deixar de receber a Amorim News em qualquer altura. Para o efeito, envie-nos um email para press@amorim.com. Para mais informações sobre as nossas práticas de privacidade, bem como sobre o exercício dos seus direitos realtivos aos seus dados pessoais, consulte a nossa Política de Privacidade, disponível em www.amorim.com

Alma Gémea apresenta renovada linha de produtos

A Alma Gémea, marca de artigos de consumo para a casa que funde a cortiça e a cerâmica, acaba de lançar uma nova linha de produtos. A renovação da insígnia portuguesa, que resulta da estreita parceria entre a Amorim Cork Composites e a Matcerâmica firmada em 2009, intitula-se 5º Elemento – o Balanço Perfeito, introduzindo cores diferentes, outras referências e quatro peças exclusivas. Um total de 54 itens completa agora o catálogo da Alma Gémea que junta o rosa (dez produtos), o verde (dez produtos) e o preto mate (sete produtos) ao cinzento-escuro (nove produtos) e ao branco-pérola (10 produtos). Funcional, nunca descurando o aspeto criativo, e tirando partido do melhor que cada material tem para oferecer, a Alma Gémea inclui saladeiras, tigelas, canecas, fruteiras, galheteiros, bules, pratos e taças. A combinação da cortiça e da cerâmica, duas matérias-primas de forte cariz tradicional, de forma inovadora, exclusiva e distintiva, resulta numa coleção contemporânea, esteticamente apelativa e conceptualmente útil. O calor da cortiça e o frio da cerâmica unem-se com real valor acrescentado para o setor dos bens de consumo para a casa.

Atributos valorizados pelo consumidor dos nossos dias, adepto do genuinamente nacional, que reduz, reutiliza e recicla, e defende as questões da sustentabilidade. De resto, as melhores práticas da economia circular presidem ao desenvolvimento do compósito utilizado na produção da Alma Gémea, cuja cortiça provém maioritariamente dos desperdícios gerados pela indústria das rolhas.

Acrescente-se-lhe a capacidade da cortiça de reter CO_2, num contributo importante para a descarbonização do meio-ambiente, e temos a Alma Gémea no ranking das preferências de uma larga maioria de clientes.

Amorim Top Series distinguida pelos Luxury Packaging Awards

A Amorim TOP SERIES venceu a categoria Fornecedor Sustentável do Ano dos Luxury Packaging Awards. Através do firme compromisso com os princípios da sustentabilidade, corroborado pelos rigorosos estudos independentes sobre o balanço de carbono dos seus produtos, a Amorim TOP SERIES é, assim, "cada vez mais valorizada pelos produtores de bebidas espirituosas como uma empresa de confiança para atingir metas rigorosas de CO_2". Até porque ao consumir as rolhas TOP SERIES, os produtores de bebidas espirituosas podem mitigar as emissões de carbono de outros vetores da sua cadeia de valor, tais como garrafas de vidro ou componentes metálicos de acondicionamento.

O painel de jurados dos Luxury Packaging Awards, prémios promovidos pela revista britânica Packaging News, realçava na altura que "a candidatura da Amorim carregava um forte argumento relativo às matérias-primas utilizadas para a rolha." Enfatizando que a empresa "tem sido sempre uma apoiante audível de que a cortiça natural é a melhor e mais sustentável matéria-prima para uma rolha *premium*" e concluindo que a rolha TOP SERIES é "uma rolha genuinamente muito impressionante".

A candidatura da Amorim TOP SERIES aos Luxury Packaging Awards sublinhava a "abordagem *cradle-to-gate*", analisando as atividades florestais, a par do transporte para diferentes mercados.

© Carlos Ramos

“A economia circular em torno da cortiça é uma história absolutamente extraordinária”

O arquiteto José Pedro Sousa, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, é um dos 18 pensadores e o único português a integrar a mesa redonda para o Novo Bauhaus Europeu, um movimento que cruza ambiente, economia e cultura para projetar o nosso futuro comum de maneira sustentável. No momento em que emergimos de uma crise global, e perante os desafios das alterações climáticas, o mundo precisa de uma nova arquitetura, com “estratégias materiais e construtivas radicalmente diferentes e em sinergia com a natureza”. A cortiça, essa “singular convergência de qualidades”, encontra-se especialmente bem posicionada para responder ao desafio.

Qual foi o seu primeiro contacto com a cortiça, a sua primeira memória deste material?
Uma das minhas primeiras memórias remonta à minha infância, recordando-me das paredes da cave que um tio meu decidiu revestir com aglomerado de cortiça expandida. O toque do material, o desenho da placagem que era rematada por umas ripas de madeira, a tonalidade e a acústica do ambiente, e o calor que retinha da salamandra existente, criavam uma atmosfera única naquele espaço. Então, ainda distante de me interessar pela arquitetura, o efeito da cortiça neste espaço não me deixou indiferente.

O seu trabalho académico tem-se debruçado, entre outras coisas, sobre a relação entre o digital e o material no domínio da arquitetura. Nomeadamente, na sua tese "From digital to material: Rethinking the applications of cork in architecture through the use of CAD/CAM technologies" as aplicações da cortiça são centrais. Como surgiu esse interesse de investigar as possibilidades da cortiça neste contexto?
A viragem do século foi o momento em que se começou a explorar intensivamente o uso de tecnologias de CAD/CAM em arquitetura. Nessa altura, a par da emergência de novos materiais, a fabricação digital permitiu revisitar materiais de construção tradicionais, como a madeira ou o betão, e abrir novas possibilidades de desenho e de aplicação. Em 2003, nesse contexto, estava interessado em desenvolver o meu doutoramento em torno da exploração de tecnologias digitais com um material ou uma indústria onde essa inovação pudesse acontecer. Pelas suas propriedades físicas, valor ecológico e importância para Portugal, a cortiça surgiu naturalmente como o caso de estudo ideal para realizar esse trabalho. O facto dos arquitectos Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura terem aberto a possibilidade de utilização da cortiça como material exterior no Pavilhão de Portugal de Hannover em 2000, deu ainda mais força e importância a esta opção de investigação que, para acontecer, teve a felicidade de poder contar com a abertura e apoio da Amorim Cork Insulation desde o primeiro segundo.

O que é que a cortiça tem para dar à arquitetura, e num sentido mais amplo, às cidades que imaginamos?
Penso que aquilo que referi anteriormente sobre as minhas memórias ajuda a responder a esta questão. A cortiça é um material com características únicas que não deixa ninguém indiferente. O seu desempenho térmico e acústico foi comprovado empiricamente muito antes de qualquer ciência o poder demonstrar. A sua aparência transmite conforto e, com a ajuda das novas tecnologias de desenho e fabricação digital, pode ser personalizada para criar ambientes singulares do ponto de vista estético e funcional. Para além disso, nos dias que correm, a sustentabilidade do material e da sua indústria fazem da cortiça um produto da maior importância para os desafios que o mundo enfrenta. Aplicar cortiça nos edifícios e na cidade é uma forma eficaz de responder à necessidade crescente de incorporar a Natureza no ambiente construído.

New European Bauhaus é um novo movimento que re-imagina a Europa. Mas as raízes deste movimento estão na Bauhaus original, do início do século. Como se faz a ponte entre passado e futuro? O que une e o que separa estes dois momentos históricos?
Há 100 anos, o mundo estava a sair de uma crise provocada pela 1ª Grande Guerra Mundial e a Bauhaus surgiu procurando resolver os problemas através da convergência das artes e utilizando as tecnologias de então. Hoje em dia, novamente, o mundo atravessa uma crise global à qual é necessário dar uma resposta urgente. Tal como a Bauhaus original, a New European Bauhaus surge para dar esperança e projetar o nosso futuro comum através de um esforço coletivo entre todos, arquitectos, designers, artistas, cientistas, economistas ou simples cidadãos, em torno de um movimento que pretende ser, também, um projeto cultural. Apesar das evidentes analogias entre estes dois momentos, existem, também, diferenças claras. Por exemplo, os problemas ambientais de hoje exigem soluções que em várias medidas se afastam do preconizado no passado. Por exemplo, o betão e o aço que antes anunciavam a nova arquitetura daquela época, são hoje reconhecidos como parte importante dos problemas que enfrentamos. Precisando hoje, também, de uma nova arquitetura, as estratégias materiais e construtivas terão que ser radicalmente diferentes e em sinergia com a Natureza.

É o único português a integrar a mesa redonda *high-level* deste movimento. Na sua opinião como é que, a partir da sua identidade, Portugal pode acrescentar algo especialmente relevante a este movimento?

As alterações climáticas, e todos os problemas subsequentes, são uma ameaça para todas as formas de vida e regiões do planeta sem exceção. Contudo, apesar de enfrentarmos um problema comum, as soluções terão que ser específicas de acordo com as condições particulares de cada local, como o clima, os materiais ou a economia. Também neste caso, a New European Bauhaus é forçosamente diferente da original, a qual deu origem ao movimento moderno onde se preconizavam princípios universais para a arquitetura e o urbanismo que não foram frequentemente bem sucedidos. Neste contexto, é importante que Portugal, como qualquer outro país, participe nesta mudança e se faça ouvir, para que as medidas e as boas práticas se ajustem às diferentes realidades. Julgo que a forma como a nossa arquitetura soube adaptar pragmaticamente a influência do moderno às nossas condições locais, e que foi internacionalmente reconhecido como um "regionalismo crítico", pode servir como um exemplo para iluminar o desafio complexo que temos em mãos.

Nos seus projetos a cortiça é um dos materiais escolhidos. Que qualidades da cortiça destacaria e como pode este material 100% natural e reciclável ter um papel mais central na arquitetura do futuro?

Não destacaria uma qualidade, mas sim a singular convergência de diferentes qualidades num único material, e que fazem da cortiça um material muito equilibrado para a arquitetura. Considerando que as duas grandes forças que estão a moldar o presente e o futuro da indústria da construção são a descarbonização e a transformação digital, a cortiça, enquanto material 100% natural e versátil para ser abordada digitalmente, tem tudo para vincar a sua relevância. O revestimento e isolamento de edifícios, as coberturas ajardinadas, a mistura com outros materiais, a personalização e reutilização são alguns dos exemplos de aplicações que sublinham o valor da cortiça para o futuro da arquitetura.

Como pode um material como a cortiça contribuir para moldar esse novo desígnio europeu?

A economia circular em torno da cortiça é uma história absolutamente extraordinária. Convocando a floresta, o clima, a biodiversidade e a cultura, o ciclo de vida associado à cortiça contempla processos muito completos de reciclagem e reutilização, que atravessam diferentes tipos de produtos e aplicações. Para além disto, em casos como a produção do aglomerado de cortiça expandido (ICB) usado na construção, a sua reciclagem pode dar origem a produtos de valor superior ao original, demonstrando oportunidades de *upcycling*. Neste contexto, não conheço melhor material que a cortiça para servir de modelo de inspiração para as práticas que têm que ser implementadas, não só na construção, mas na nossa forma de vida em geral.

"(...) não conheço melhor material que a cortiça para servir de modelo de inspiração para as práticas que têm que ser implementadas, não só na construção, mas na nossa forma de vida em geral."

Cortiça

O FUTURO HOJE

E o futuro, agora? Se todas as crises guardam em si enormes oportunidades, o momento que vivemos só pode ser excecional. É um universo de possibilidades que se abre, se o soubermos agarrar. A cortiça, um material natural absolutamente singular, contém, pela sua natureza e versatilidade, um potencial de aplicações virtualmente infinito. Se o mundo não pode esperar, a cortiça projeta-se como nunca. Na Corticeira Amorim, mais do que uma promessa, esta é uma realidade.

Exposição Internacional de Horticultura de Yangzhou 2021: MD é a solução

São mais de 230 m² de cortiça a cobrir as paredes do pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Horticultura de Yangzhou 2021, dedicada ao tema "Live Green. Live Better". Uma instalação realizada em tempo recorde, graças aos esforços da Amorim Cork Insulation e do seu parceiro na China, a HISTEP, que prestou apoio técnico na instalação do MD Fachada.

Bem visível. É assim, mostrando toda a sua beleza e potencial que a cortiça se dá a ver ao mundo, aproximando geografias. Mais de 230 m² de cortiça da Amorim Cork Insulation cobrem o pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Horticultura de Yangzhou 2021, inaugurada na primavera na província de Jiangsu, na China. No evento, que decorre até outubro, são esperados mais de 11 milhões de visitantes para experienciarem e aprenderem mais sobre *green living*, sustentabilidade e horticultura.

Depois do sucesso e reconhecimento do Pavilhão de Portugal na Expo Mundial de Xangai 2010, este projeto constitui, sem dúvida, mais uma grande oportunidade para a cortiça na China. Esse foi o entendimento da Amorim Cork Insulation que, após o contacto do Atelier Data, gabinete de arquitetura responsável pelo projeto, rapidamente pôs em marcha uma operação que permitiu instalar, em apenas 10 dias, 233 m² da solução MD Fachada para revestir o Pavilhão de Portugal neste evento referência da horticultura mundial. "De imediato organizamos uma reunião por Zoom com a organização da exposição e os arquitetos, e contactámos o nosso cliente distribuidor na China, a HISTEP, que rapidamente se mobilizou para fazer chegar a cortiça a Jiangsu," explica Carlos Manuel, CEO da Amorim Cork Insulation". Para além de possibilitar a chegada rápida do material ao seu destino, a HISTEP forneceu apoio técnico na instalação da MD Fachada, para que tudo estivesse pronto a tempo da abertura do evento.

Live Green. Live Better

Sob o tema: "Live Green, Live Better", a Exposição Internacional de Horticultura de Yangzhou 2021 tem como foco a relação das pessoas com a natureza e a importância da preservação do meio ambiente para o crescimento económico sustentável. Assim se justifica a escolha da cortiça portuguesa, uma matéria-prima verdadeiramente ecológica e igualmente sustentável, para a construção do pavilhão de Portugal.

"Este material desperta a curiosidade dos chineses. As reações têm sido muito boas", afirma Carlos Manuel, que, a par da sustentabilidade inerente à cortiça, e o seu excelente comportamento em termos de isolamento acústico e térmico, destaca o seu carácter simbólico. "Onde há cortiça há sempre Portugal, e o Alentejo", remata. Além do edifício em cortiça, a instalação portuguesa conta ainda com um jardim, que celebra o melhor da criatividade e design portugueses e realça a economia verde e a preservação do ambiente.

Bienal de Arquitetura de Veneza: a arte da cortiça

A cortiça portuguesa está de volta a Veneza, pela mão do coletivo portuense depA Architects, que incorpora este material à sua proposta, escolhida para liderar a curadoria do Pavilhão de Portugal na 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza.

Não é a primeira vez que a cortiça desembarca em Veneza, marcando presença num dos mais relevantes eventos da agenda internacional. Mas em cada nova ocasião, a perspetiva muda, a criatividade surpreende, revelando algo novo que anteriormente desconhecíamos. Na 17ª edição da Bienal de Arquitetura de Veneza, que abriu portas a 22 de maio e se prolonga até 21 de novembro, a proposta curatorial apresentada pelo coletivo depA Architects para liderar a representação portuguesa responde diretamente à questão lançada pelo curador Hashim Sarkis: How will we live together? (Como viveremos juntos?). São cerca de 100 metros lineares de aglomerado de cortiça incorporados à estrutura do projeto *In Conflict* (Em confronto), uma proposta focada nos primeiros 45 anos de democracia em Portugal, e a sua relação com a arquitetura portuguesa. Através de uma exposição, de conversas e de debates, os depA procuram "pensar o papel da arquitetura enquanto disciplina artística, pública, política e ética". O projeto expositivo traz para primeiro plano um Portugal em processo de descolonização, recém democrático e empobrecido. Um país marcado pela destruição material, deslocação social e participação cívica. A partir deste cenário, são chamadas à discussão outras questões relacionadas com a problemática, "construindo-se um panorama alargado e transversal dos primeiros 45 anos de democracia nacional mediante o seu reflexo na arquitetura portuguesa", criando um espaço onde todos possam imaginar, debater e projetar um futuro comum. *In Conflict* junta-se a outros projetos anteriormente apoiados pela Corticeira Amorim que ao longo da última década têm permitido promover a cortiça num dos mais importantes palcos da criatividade mundial. Recorde-se o cacilheiro "Trafaria Praia" de Joana de Vasconcelos (Bienal de Arte de 2013), os candeeiros "Curcubita" de Tiago Sá (Venice Design 2017), e o piso de cortiça da instalação "*a seam, a surface, a hinge or a knot*" de Leonor Antunes e a luminária " " de Nacho Carbonell (Bienal de Arte de 2019). Conjunto de intervenções artísticas que demonstram também a versatilidade da cortiça como elemento criativo, inovador, cultural e educativo. Paralelamente, Veneza é também a ocasião de dar a conhecer as mais recentes peças produzidas no âmbito da coleção SUBER Design.

Um SUBER Design

Uma iniciativa da Amorim Cork Italia que oferece desde 2019 uma segunda vida às rolhas de cortiça recicladas. Transformando-as num primeiro momento em pequenos grânulos que, depois de combinados com outros materiais, dão vida a novos objetos como sistemas de iluminação, mesas, bancos, porta guarda-chuvas ou cabides, etc. Desta vez, a criatividade do conceituado arquiteto transalpino Michele Lucchi resultou na produção de 16 bancos com um design distinto.

© Ed Reeve

London Design Biennale: a cortiça como suporte da lista de tarefas do mundo

Uma floresta de 400 árvores no centro de Londres. Uma intervenção artística impulsionando a mudança. E a cortiça dando suporte, e alento, ao mundo que queremos, no projeto Forest For Change – The Global Goals Pavilion, a instalação interativa em Somerset House, o coração da London Design Biennale 2021

Era um oásis de tranquilidade plantado no meio de Londres, e também uma provocação inspiradora. No século XVIII, altura em que foi construído o Somerset House, as árvores estavam proibidas de entrar no recinto do palácio londrino. Mas na edição 2021 da London Design Biennale a situação inverteu-se e a natureza irrompeu no coração da cidade, em Forest for Change – The Global Goals Pavilion, a instalação central do evento, que decorreu em junho na capital britânica.

A Corticeira Amorim foi o "Material Partner" oficial da iniciativa, concebida pela designer britânica Es Devlin e dinamizada pela agência sem fins lucrativos Project Everyone. O pavilhão, uma das intervenções mais emblemáticas desta edição da London Design Biennale, incluiu um núcleo central em forma de círculo, totalmente construído com cortiça portuguesa. Foi neste espaço interativo que os visitantes puderam conhecer e aprofundar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU.

Jack Headford, Associate Designer do Es Devlin Studio, explica: "propusemos a ideia de introduzir uma jovem floresta na Somerset House como uma provocação e para inspirar e manter a onda de ambientalismo, mostrando aos visitantes a possibilidade do que poderia ser."

O coração da floresta revelava uma infraestrutura composta por 17 pilares espelhados que representavam cada um dos ODS. Os pilares demonstravam através de citações, relatos e factos as razões pelas quais os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são a lista de tarefas do mundo. A jornada terminava - no 17º pilar que representava as Parcerias para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - com os visitantes a serem convidados a gravarem um curto testemunho expressando as mudanças que gostariam de ver concretizadas no âmbito do seu Objetivo predileto.

Cortiça, a escolha óbvia

"Durante o desenvolvimento do projeto, tornou-se óbvio que precisávamos trabalhar com materiais que transmitissem empatia e robustez dentro da floresta." explica Headford "A cortiça parecia a escolha óbvia com os seus tons de madeira e textura suave, juntamente com a sua natureza sustentável inerente, sendo um material renovável e biodegradável. A cortiça proporcionou também uma opção de pavimentação segura e resistente que combina bem com o solo da floresta, permitindo que os visitantes serpenteassem livremente entre as árvores," remata Jack Headford.

© Iwan Baan

Serpentine Summer Pavilion: cortiça regressa onde foi feliz

Nove anos depois, completando o equivalente a um ciclo da cortiça, a matéria-prima genuinamente portuguesa regressa ao Serpentine Summer Pavilion, a instalação de arquitetura anual que marca o verão londrino. O projeto, assinado pelo coletivo sul-africano Counterspace, apresenta um claro foco na sustentabilidade e na valorização do encontro entre comunidades e culturas, aproximando o centro da periferia.

A cortiça portuguesa está de volta aos espetaculares Kesington Gardens, na capital britânica, como matéria-prima de eleição para a edição 2020/21 do icónico Serpentine Summer Pavilion, num projeto da autoria do estúdio de arquitetura sul-africano Counterspace. O coletivo, formado por Sumayya Vally, Sarah de Villiers e Amina Kaskar, é a equipa mais jovem de sempre (e totalmente feminina) a liderar o programa de arquitetura da Serpentine. O projeto integra 200 metros quadrados de cortiça, fornecidos pela Corticeira Amorim, que respondem ao desafio das arquitetas de construir uma instalação temporária marcadamente ecológica.

Não é a primeira vez que a cortiça portuguesa marca presença num dos mais importantes programas anuais de arte e arquitetura do panorama internacional. Em 2012, a cortiça foi o material escolhido para o projeto assinado pelos arquitetos suíços Herzog & de Meuron e pelo artista e ativista chinês Ai Weiwei. Uma estrutura circular integrando cerca de 100 peças de mobiliário de aglomerado de cortiça nacional. O resultado do impacto deixa pouca margem para dúvidas: o mais visitado de todos os pavilhões de verão da famosa galeria de arte londrina.
Agora, Counterspace, o atelier de arquitetura fundado e dirigido por Sumayya Vally, arquiteta muito recentemente reconhecida pela Times (2021 TIME100 Next List), é o 20º convidado a desenhar o Serpentine Summer Pavilion. "A cortiça foi escolhida devido à sua capacidade de moldação, maleabilidade e flexibilidade, capaz de recriar diversos espaços no pavilhão. Alinhando-se com o interesse do pavilhão em recuperar e reconfigurar o contexto, tanto local como material", afirma Sumayya Vally.

Um convite à reflexão de ideias

Contornando a permanência da arquitetura, o Serpentine Summer Pavilion é concebido como um evento que, nesta edição, inclui um conjunto de elementos móveis instalados em diversos bairros de Londres para promover e facilitar

Sumayya Vally © Iwan Baan

encontros e interações improvisadas, em homenagem aos lugares e estruturas que consolidaram as comunidades ao longo do tempo. O projeto do trio feminino de Joanesburgo centra-se nas experiências das comunidades periféricas e de migrantes da capital britânica. Um convite à reflexão sobre ideias em torno da arquitetura, do design, do ambiente, da comunidade e do bem-estar.

Porto Design Biennale: a cortiça é "matéria viva"

Na segunda edição da Porto Design Biennale, o desafio está lançado. Como desenhar o presente e propor alter-realidades mais positivas para o mundo que queremos? A cortiça, um material sustentável por natureza e totalmente alinhado com as melhores práticas de economia circular, está em destaque na bienal que acontece no Porto e em Matosinhos.

Na antecâmara do Museu da Matéria Viva, a exposição matriz da Porto Design Biennale 2021 (PDB '21), uma instalação constituída por 104 tubos dá as boas-vindas aos visitantes. O projeto, da autoria de Miguel Flor e Cristina Hora, foi concebido como um *playground* com vida própria que convida quem nele penetra a uma reflexão urgente: como desenhar o presente que queremos?

A decorrer desde junho, a PDB '21 propõe um conjunto de exposições, conferências, workshops e publicações que, apesar do seu carácter temporário, ambicionam deixar um lastro contínuo de discussão e pensamento sobre o design enquanto disciplina contemporânea de reflexão, questionamento e partilha, com iminente protagonismo e responsabilidade na vida coletiva e na sobrevivência ambiental.

Enquanto marca associada da PDB' 21, a Corticeira Amorim deu o seu contributo para esta discussão, cedendo material que resulta das práticas de economia circular transversais a todas as suas unidades de negócio, uma política em que a empresa foi pioneira, implementando este tipo de práticas desde a década de sessenta do século passado. Desta forma, diferentes combinações de cortiça com componentes como borracha reciclada, EVA reciclada e Pu reciclada foram as escolhas dos responsáveis pelo desenho expositivo da segunda edição da Porto Design Biennale. O resultado é um anfiteatro onde as pessoas sentem desde logo o apelo dos materiais locais, sejam eles biológicos, técnicos ou híbridos, harmonizando-se com eles de forma a poderem cuidar melhor uns dos outros, de outros seres vivos, do solo, da água e dos elementos geológicos.

A maior referência portuguesa no campo da sustentabilidade

No interior do espaço, a dupla de criativos utilizou também painéis de cortiça, impressos através de serigrafia, para materializar todo o projeto de comunicação da exposição do Museu da Matéria Viva. Bancos e mesas forrados com cortiça são os outros objetos da mostra que usam a matéria-prima genuinamente portuguesa.

"Como poderíamos desenhar o presente e esta exposição sem incluir a maior referência portuguesa no campo da sustentabilidade? Neste Museu, o da Matéria Viva, a AMORIM vive e dá vida. Desafiou-nos criativamente e desafiará certamente o público que a visita", sustentam Miguel Flor e Cristina Hora, os criativos da instalação.

Exposição Ai Weiwei – Rapture: Brainless Figure in Cork

A cortiça é um dos materiais escolhidos pelo artista chinês Ai Weiwei para a criação de obras originais em Portugal. Fornecida pela Corticeira Amorim, a matéria-prima genuinamente portuguesa corporiza *Brainless Figure in Cork,* um autorretrato de caráter escultórico do ativista. A peça, produzida a partir de aglomerado de cortiça de alta densidade, integra a exposição Ai Weiwei – Rapture que abriu portas na Cordoaria Nacional, em Lisboa, no passado dia 4 de junho.

Diferente de uma escultura tradicional, para a criação da obra *Brainless Figure in Cork* (91 x 81 x 148 cm), num primeiro momento foi utilizada uma máquina de corte CNC que garante precisão técnica. Em seguida, um artesão esculpiu alguns detalhes que somente métodos manuais são capazes de alcançar na perfeição. Tal como no ciclo da cortiça, este projeto artístico nasce da combinação entre o fazer manual, tecnologias de ponta e a grandiosidade da Natureza.

De resto, está é a segunda vez que Ai Weiwei, um dos mais influentes artistas contemporâneos, trabalha cortiça da Corticeira Amorim. A primeira ocasião aconteceu no âmbito do Serpentine Summer Pavilion 2012. Um projeto assinado, então, pelos arquitetos suíços Herzog & de Meuron e pelo artista chinês.

© Juliette Bayen

Somos a empresa industrial mais atrativa para trabalhar em Portugal

A Corticeira Amorim é uma das 20 empresas mais atrativas para trabalhar em Portugal, e a primeira do setor da industria. Os resultados são do estudo da Randstad - Employer Brand Research 2021, o maior estudo independente à escala global, que analisou as perceções de mais de 5 mil portugueses e portuguesas. Num contexto de pandemia, que desafiou, como nunca, empregadores e trabalhadores, esta é uma distinção que assume um significado especial.

Os resultados do Employer Brand Reseach 2021 revelam que a Corticeira Amorim é a empresa mais atrativa para trabalhar em Portugal, no setor da indústria. A empresa arrecadou ainda um lugar no top 20 das empresas mais atrativas em Portugal, ocupando a 13º posição do ranking. "É com grande orgulho que recebemos esta distinção", assume Alexandra Godinho, diretora de Recursos Humanos Corporativos da Corticeira Amorim. "A marca de empregador de referência é muito importante e, acredito, um reconhecimento do mercado de trabalho de fatores distintivos na atração e retenção de Pessoas". E é ao fator "pessoas", concretamente às que compõem o universo de colaboradores Amorim, que Alexandra Godinho atribui um papel de especial importância, pois, acredita, "os colaboradores são eles próprios o principal canal de comunicação e os principais porta-vozes sobre o que é uma empresa, transparecendo para os outros o que percecionam da sua própria experiência".

Nos últimos anos, a Corticeira Amorim tem apostado numa estratégia de *Employer Branding* especialmente ativa junto do segmento dos universitários e jovens recém-formados. Ainda assim, "procuramos sobretudo ser muito consistentes e transparentes na comunicação externa dos nossos Valores e Cultura". Ao fator humano e à transparência alia-se ainda um terceiro, e derradeiro, elemento diferenciador: "ter a sorte de trabalhar com uma matéria-prima fantástica e de, assumidamente, nos posicionarmos como uma empresa que combina tradição com inovação, solidez com ousadia e ambição com discrição e sobriedade. Acreditamos que em *Employer Branding* uma estratégia bem-sucedida é "parecermos o que somos!".

Resultados do setor da indústria

O Employer Brand Research é o maior estudo independente realizado à escala global, que tem como metodologia a análise das perceções da população ativa em relação aos 150 maiores empregadores, em 34 países. A edição de 2021 contou com a participação de mais de 190 mil pessoas, numa amostra que inclui também desempregados e estudantes. Fornece, por isso, *insights* valiosos para ajudar as empresas a adaptar e a adequar a sua marca a um mercado em evolução. No caso da indústria, os resultados da 6ª edição do estudo revelam, por exemplo, que é o 9º setor mais atrativo para se trabalhar. Já no que diz respeito à saúde financeira, é percecionado pelos participantes, a nível global, como o setor mais "saudável". Ocupa ainda o 2º lugar no critério da boa reputação e conquista um lugar no top 3 no que toca ao EVP – Employee Value Proposition.
A pandemia da Covid-19 mudou a sociedade, mudou hábitos e comportamentos. Mudou o mundo e, inevitavelmente, mudou também o mercado de trabalho para sempre. Das alterações mais óbvias e visíveis, como os novos hábitos sanitários e o aparecimento do teletrabalho, às alterações mais profundas, que o estudo Randstad permite identificar: a relação com a empresa, as competências digitais, o medo de ir trabalhar e a confiança do colaborador. 2020 marcará para sempre a entrada numa nova era, com novos desafios para os empregadores. Por essa razão, receber em 2020 esta distinção "tem um significado ainda mais especial", confessa Alexandra Godinho, "pois foi um ano difícil, onde os nossos colaboradores demonstraram uma resiliência e uma capacidade de superação notáveis".

Um ano de superação diária

Um ano de superação diária, pois, embora as operações da Corticeira Amorim nunca tenham parado, "a preocupação predominante foi sempre a saúde e a segurança das nossas Pessoas", sublinha a diretora de recursos humanos. "Isto implicou um grande trabalho na implementação de inúmeras e variadas medidas, mas, sobretudo, uma proximidade a todas as pessoas, num esforço de atenuar inseguranças, receios e ansiedade, criando um clima seguro quer de um ponto de vista físico, quer psicológico. E os colaboradores corresponderam com uma coragem, dedicação e responsabilidade que impactaram a coesão das equipas e o ambiente de trabalho. E isto, claramente, também define a nossa marca como empregador," conclui Alexandra Godinho.

O estudo Randstad - Employer Brand Research 2021 pode ser consultado na íntegra em www.randstad.pt/employer--branding/

A ambição de ir sempre mais longe

Uma família grande, mas muito unida. É assim que a Família Silva se descreve. Desde os anos 1960 aos dias de hoje, são quase seis décadas, e três gerações a passarem pela Corticeira Amorim. Retrato da Família Silva, um exemplo de diversidade, tenacidade e união dentro da Família Amorim.

Os dias começavam bem cedo para Gaspar Silva. O patriarca da família entrou para o Grupo Amorim no início dos anos 1960, e todos os dias fazia o caminho para o trabalho a pé, de Soutelo (Fiães), onde vivia, para Mozelos. Eram 45 minutos, para lá e para cá. Durante muitos anos trabalhou como vigilante da Corticeira Amorim. Teve 15 filhos, e desses, mais de metade – nove – vieram trabalhar para a empresa, porque os tempos não estavam para outra coisa, e era importante a estabilidade.

Dos filhos de Gaspar, Júlio Pereira da Silva foi dos primeiros a entrar, depois dos irmãos José, Carolina e Manuel. Aos 64 anos, Júlio é motorista e orgulha-se de ser das pessoas que está há mais anos no Grupo Amorim. Não pensa na reforma, e apesar do seu turno começar às 8h, todos os dias está na empresa antes das 7h. Assim, graceja, "se tiver um furo, eu vivo em Seixezelo, tenho tempo para vir a pé."

Entrou em 1971, com apenas 13 anos, um rapaz com coração de criança, mas é ainda nas memórias da sua (curta) infância que encontramos as primeiras peripécias no mundo da fábrica e da cortiça. "Eu vinha trazer à fábrica o comer ao meu pai, com a minha mãe, era pequenino. Havia um restaurante em frente à Corticeira, o Copacabana, e o meu pai deixava-me lá a ver televisão, ia fazer a ronda e depois vinha-me buscar."

Esteve muitos anos a trabalhar a prancha, aprendendo tudo o que havia para aprender sobre a função, mas tinha a ambição de ir mais longe, de "sair da fábrica". Foi então que passou a trabalhar como motorista, função que mantém até hoje. Para além do trabalho e da família, Júlio é um homem dedicado ao serviço dos outros: é bombeiro condecorado (corporação dos Carvalhos de Vila Nova de Gaia) e paraquedista.

João da Silva

Vitorino da Silva

Memórias e futuro

Como o irmão, Vitorino Pereira da Silva entrou ainda adolescente para a Corticeira Amorim. E como o pai, todos os dias fazia a pé o trajeto de casa para o trabalho. "Na altura íamos todos a pé, 7/8, com a minha irmã mais velha que trabalhava lá, a Carolina". Quando era criança recorda-se de ir "à festa que era no Cinema de Lamas, que já não existe, buscar o brinquedo. Era a única altura em que comíamos um chocolate, porque imagine naquela altura criar 15 filhos? Havia sempre muita dificuldade. Era das maiores alegrias."
Com mais de 40 anos de casa, Vitorino é hoje encarregado de injeção de cápsulas, na Top Series, gerindo uma equipa de dez pessoas. Quando lhe perguntamos qual foi o seu momento mais feliz dentro da Corticeira Amorim, não hesita: foi mesmo quando recebeu o convite para ser encarregado. Não dormiu várias noites, mas acabou por aceitar. "Perdi algumas noites de sono até dizer que aceitava. Porque vir para um setor que era novo e que eu não percebia nada, era um risco muito grande. De qualquer forma, pensei, se me lançaram o desafio é porque viram que eu tinha capacidades de trabalho para liderar este projeto. Temos uma equipa espetacular, muito unida, muito responsável. Tenho que estar grato por todo este projeto."

A escolhedeira

Glória Pereira da Silva é uma das três filhas de Gaspar. Como a irmã Carolina, foi uma das mulheres da família a entrar para a Corticeira Amorim, onde trabalha há 40 anos. Como os irmãos, recorda os momentos da distribuição dos brinquedos, e a figura do Sr. Américo Amorim. Entrou também muito jovem, com 17 anos, para trabalhar como "escolhedeira". Na altura eram 50 mulheres a escolher as rolhas, um trabalho que exigia conhecimento, olho, e sim, sensibilidade. "Precisava de conhecer as rolhas, saber os defeitos, para separá-las por classes, desde flor até à apara. A flor, a superior, 1ª, 2ª e 3ª", explica. "Tem que ter bom olho, não se aprende de um dia para o outro, demora a aprender, a conhecer a rolha, a aprender a escolher". Com os avanços tecnológicos, a função, entretanto, foi extinta, mas Glória não perdeu o seu lugar na Amorim Cork e hoje é operadora de uma máquina que analisa as rolhas com raio X.
Mulher de convicções, Glória foi durante alguns anos delegada sindical e é com orgulho que salienta a sua participação nas negociações pelo direito à igualdade salarial entre homens e mulheres. "Foi das coisas que me orgulho: a de hoje os jovens que entrarem na fábrica não sentirem essa discriminação."

A terceira geração

João da Silva, 27 anos, representa, com a prima Cátia, a 3ª geração da família Silva na Amorim. Filho de Vitorino, começou por frequentar o curso de enfermagem, mas rapidamente percebeu que aquilo não era para ele. O pai ainda não perdeu a esperança que volte a estudar, mas João é homem de vários talentos e interesses e os seus planos são outros. Nos tempos livres João é locutor na rádio local, tem um programa de humor na rádio AVFM de Ovar e outro de desporto na Sintonia Feirense. Mas o seu sonho é fazer comédia de Stand Up, e já tem um nome artístico – João Faquire. Na Corticeira Amorim, onde entrou com 19 anos, trabalha na logística de lavação de rolhas, e está feliz com a independência conquistada. Mas o bichinho da curiosidade não o larga, e por isso não se acanha na hora de perguntar como é que as máquinas fazem o que fazem: "comecei a questionar o engenheiro do processo, como é que funciona a máquina, como é que é este ou aquele método, o que é que este produto faz, para não andar ali só para carregar botões sem saber o porquê", diz. Com as gerações mais velhas, João aprendeu a dar valor ao trabalho e a gostar do que se faz. "Uma frase que me ficou que me disseram, não me recordo quem: 'é importante fazeres o que gostas, mas mais importante é aprenderes a gostar do que fazes'."

Amorim Cork Flooring conquista certificação Investors in People

Após ter alcançado a acreditação standard da Investors in People: We Invest in People no ano passado, a Amorim Cork Flooring anunciou com orgulho que esta certificação foi estendida às suas unidades de negócio espalhadas pelo mundo. A distinção é um marco quer na história da empresa, quer no processo de transformação interna que coloca as pessoas em primeiro lugar. Pois conseguir a acreditação Investors in People: We Invest in People significa que estamos perante um lugar de trabalho de alto desempenho, para além de realçar um claro compromisso com a sustentabilidade.

O CEO da Amorim Cork Flooring, Fernado Melo, "acredita que pessoas motivadas, com acesso a elevados níveis de formação, prestarão um serviço de elevada qualidade de forma consistente, comprometido com a Visão, Missão e Valores da organização. Isso trará satisfação aos nossos clientes e aumentará o lucro e o crescimento sustentado da nossa empresa. Vemos esta consagração como uma oportunidade para avaliar onde estamos hoje, como lideramos e envolvemos as pessoas no dia a dia da organização e como uma ferramenta para trabalhar e nos focarmos num futuro sustentável."

O Investors in People: We Invest in People é um padrão de gestão de pessoas que consagra organizações que superam consistentemente as normas da indústria. Criada para atender aos desafios constantes do quotidiano dos negócios, o Investors in People: We Invest in People é uma ferramenta para melhorar o desempenho de uma organização através dos seus colaboradores. Reflete as últimas tendências do local de trabalho, as práticas de liderança e as condições necessárias para que os colaboradores possam criar equipas de alto desempenho, com foco em três áreas principais: liderar, apoiar e melhorar.

Traços de Gente

AMORIM

Sustainable by nature

www.amorim.com